



Sustentabilidade, conceito a ser aprofundado

Pesquisador da USP chama atenção para a fuga de recursos naturais do país por meio da exportação de alimentos

Valéria Costa

A sustentabilidade, um dos principais dilemas deste século 21, não é apenas um neologismo da moda. É mais do que aliar recursos naturais à prática cotidiana. Conhecedor e defensor do termo, o professor e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP) Leandro Giatti defende a tese de que o país exporta seus re-

curso naturais, como a água, por meio dos alimentos produzidos no Brasil e vendidos no exterior. A polêmica foi levantada pelo pesquisador em sua palestra *Nexos urbanos de sustentabilidade e saúde*, realizada no Instituto Leônidas e Maria Deane (ILMD/Fiocruz Amazonas), quando participou do Seminário Determinantes Sociais do Processo Saúde-Doença: Condições Desiguais de Vida em Espaços Amazônicos, promovido pelo Programa de Pós-

Graduação em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia (PPGVIDA) da instituição.

Conforme seus estudos, a sustentabilidade tem que levar em consideração esse aspecto que, mesmo que de uma forma virtual, vem contribuindo com uma escassez de recursos hídricos sistemáticos em áreas de produção no país. Segundo Giatti, a palavra de ordem na produção mundial de alimentos é a agricultura intensiva, o que gera um consumo intensivo de energia e, por tabela, de água. “Não



existe isenções, não existe uma cidade rica de água que esteja fora desse risco. A água vai acabar, os recursos estão acabando”, acrescentou.

Seguindo essa lógica analítica, ressaltou o pesquisador, o Brasil exporta muita água e energia quando o assunto é exportação de alimentos. “O primeiro ponto a se pensar são as *commodities* ligadas ao agonegócio. Nós exportamos soja e exportamos água virtual, esse é o conceito. Quanta água foi preciso para produzir cada tonelada de soja? O clássico é a carne bovina, em torno de 15 mil litros (de água) por quilo em toda a cadeia produtiva. Então você precisa ter uma riqueza hídrica para ser um produtor, um exportador disso”, analisou.

Apesar de toda a importância para o equilíbrio da economia, o pesquisador afirma que essa “exportação de água” não tem sido considerada pelos grandes produtores e exportadores, haja vista o passivo ambiental que está se gerando por conta da excessiva demanda por recursos hídricos. “Então, tínhamos que ter um planejamento melhor para

pensar, de maneira mais integrada, do que a gente chama de serviços ambientais, a água é um serviço ambiental. Ela tem que ter um *feedback*, tem que ter investimento para proteção e de onde sai esse dinheiro? Tem que sair da produção. A produção de soja tinha que gerar recursos para a recuperação e preservação de recursos naturais necessários para a produção da chuva”, afirmou.

Em sua avaliação, esse contexto acaba trazendo à tona um uso abusivo, exploratório e predatório dos recursos hídricos. É como numa moeda de troca: o país aceitar, para exportar seus produtos, entregar um recurso que é finito. “Um dia nós poderemos não ter mais água para produzir o que nós produzimos, porque não pensamos nisso agora”, observou.

E, justamente para que o conceito de “sustentabilidade” seja realmente concretizado da melhor forma possível, a academia está desenvolvendo várias pesquisas sociais no sentido de integrar todas as áreas e não apenas o lado da economia. Em suas pesquisas, Giatti têm trabalhado com a sustentabilidade

tendo como foco principal a saúde. Ele ressaltou que a saúde não é só um resultado da sustentabilidade, e sim uma condicionante. “Não dá para começar a pensar em sustentabilidade sem incluir a saúde humana e o bem-estar desde o início da análise da cadeia. Então, a gente tem feito esse esforço. E eu acho que é uma contribuição necessária, que deve gerar ponderações e políticas públicas”, observou.

Giatti ressaltou que suas pesquisas em torno da sustentabilidade dialogam com estes conceitos e pensar sustentabilidade da cidade remete a pensar a sustentabilidade do território, não tem como desacoplar. “O alimento que se consome em Manaus é produzido fora e, sendo produzido fora, consome água fora. Ou seja, se terceiriza o uso de água na produção de alimento, sendo que temos muita água aqui em Manaus. Isso é curioso, mas enfim, por que não temos espaço, a gente não tem cadeia produtiva? O fato é que Manaus importa alimentos e, com isso, importa recursos hídricos dos locais de origem”, exemplificou.



A palavra de ordem na produção mundial de alimentos é a agricultura intensiva, o que gera um consumo intensivo de energia e, por tabela, de água.